

INOVAÇÕES CURRICULARES: experiências em desenvolvimento em uma universidade pública¹

Elisabete M. A. Pereira

FE/Universidade Estadual de Campinas, Unicamp/Brasil

Elizabeth Mercuri

FE/Universidade Estadual de Campinas, Unicamp/Brasil

Maria Helena Bagnato

FE/Universidade Estadual de Campinas, Unicamp/Brasil

Resumo

Apresentamos neste texto uma análise das experiências de inovação em atividades curriculares apresentadas durante o I Seminário “Inovações em Atividades Curriculares: experiências na Unicamp²”. A análise pretendeu mapear as atividades inovadoras no trabalho formativo do estudante universitário nesta instituição através das 49 atividades apresentadas e teve como objetivo conhecer o âmbito das ações das experiências curriculares, o foco dado aos aspectos constitutivos do currículo e os indicadores de direções e/ou intencionalidades que tais atividades têm assumido no interior da instituição. O conjunto dos trabalhos apresentados envolveu professores e estudantes e de cerca de 30 cursos dos 58 atualmente existentes. Entendemos que o conhecimento do quadro das atividades de inovações curriculares de uma instituição, à medida que explicita as direções tomadas em relação às questões do ensino, possibilita a implantação de políticas e decisões sobre as ações formativas em um coletivo institucional e em direção a um contínuo processo de criação, implantação e avaliação das necessárias inovações curriculares.

Palavras-Chave: inovação curricular; currículo; inovação; universidade; educação superior

Abstract

It is presented in this article an analysis of the innovation experiences in curriculum activities showed during the I Conference "Innovations in Curricular Activities: experiences at Unicamp ". The analysis intended to study the innovative activities developed in the student's formative work in this institution, through the 49 papers presented in it, and had as aim, to know the ambit, the focus and the indicators of directions of actions that such activities have been assuming inside the institution. The experiences presented involved teachers and students from about 30 courses of the 58 now existents. We understood that the knowledge of the scenery of curriculums innovations activities of an institution can explicit the directions taking in relation to the subjects of the teaching, and can facilitate the implementation of political decisions about the formative actions in an institution and in direction to a continuous creative process.

Keywords: curriculum innovation; curriculum; innovation; university; higher education

A Inovação na Educação Superior

Em nossos dias cabe à educação superior um papel fundamental no que diz respeito à inovação que, tendo como uma das características predominantes ser feita de forma intencional se torna uma ação pedagógica profunda. Sendo a inovação uma alteração conscientemente promovida visando à melhoria tanto da prática como dos resultados da ação educacional (MASETTO, 2004), a questão pedagógica que encerra é de relevante importância no desenvolvimento das atividades curriculares das instituições de educação superior que se encontram em posição de oferecer novas respostas aos diferentes e complexos problemas que se colocam a cada curso, disciplina ou professor.

No entanto, podemos dizer que a questão da inovação nas atividades curriculares de instituições de ensino superior é uma possibilidade mais recente no cenário educacional brasileiro, pois resulta, entre outras questões, da alteração da antiga legislação do ensino superior. A política educacional centralizada no Ministério da Educação e em outros órgãos federais, sob a qual estivemos submetidos por décadas (Lei 5540/68), enquadrava todo o sistema de educação – desde o ensino fundamental até a pós-graduação – num formalismo sem qualquer possibilidade de autonomia para uma organização curricular diferenciada. O currículo a ser seguido por instituições e cursos era rígido e definido por um núcleo comum (currículo mínimo).

Propostas de inovação curricular em amplos aspectos só foram possíveis a partir da abertura da política de educação e com a flexibilização curricular como um princípio dessa política. Somente a partir de 1996, com a promulgação da atual LDB³, é que temos na legislação a condição da flexibilidade e do atendimento às peculiaridades de cada instituição educacional (Brasil, 1996). Assim, a condição para a inovação curricular, datada do final da última década do século XX, se torna uma possibilidade recente para que estas possam ser sistematizadas, avaliadas e difundidas no âmbito universitário. Nesse sentido, podemos dizer que ainda são tímidas as iniciativas das instituições, dos cursos, dos docentes e dos alunos em relação à inovação curricular e a intenção de oportunizar espaço institucional para a apresentação, discussão e socialização das experiências que estão sendo desenvolvidas, bem como um estudo sistemático destas, se apresentam como de relevância para o cenário universitário e não só para a Unicamp.

Outra questão que se coloca em relação à estruturação de atividades curriculares inovadoras é a falta de discussão sobre o que é inovar. Inovar, na análise que Saviani (1989, p.26) faz sobre inovação educacional é "utilizar outras formas" e é entendida como "colocar a experiência educacional a serviço de novas finalidades", isto é, se inova a partir do questionamento das finalidades da experiência educacional. Com base nessas colocações, podemos entender que toda inovação educacional, explícita ou implicitamente, se questiona sobre a finalidade da ação educativa que desenvolve e do papel da educação na formação do estudante. Este é um dos aspectos mais importantes na proposição de uma inovação para o currículo de um curso ou para o desenvolvimento de uma disciplina ou de uma atividade formativa.

Da mesma forma Cardoso (2007) aponta que inovar significa introduzir mudanças de

forma planejada visando produzir uma melhora da ação educacional. Para ela, a inovação curricular parte de uma intenção deliberada de modificação de uma dada situação, embasada em uma crença de que esta situação pode ser organizada de forma diversa da usual. Com este entendimento a autora aponta que é imprescindível não só a condição de flexibilidade, como a disposição dos agentes em ousar, em promover ações planejadas e orientadas por novas finalidades demandadas pela realidade educacional de cada situação particular.

A inovação curricular do ponto de vista da organização curricular tem, segundo Ferretti (1989), o significado tanto de propor atividades que promovam a integração de conteúdos, como a de proposição de conteúdos que derivam de outros referenciais para além do relacionado ao campo específico da área disciplinar como, por exemplo, os conteúdos derivados de questões sociais, de meio ambiente, de questões culturais. Para o autor, em se tratando de inovação relacionada a métodos de ensino, inovar tem significado de criar métodos ou técnicas que favoreçam a integração de conteúdos e a integração social dos estudantes, bem como estimulem a participação destes em outros níveis que não apenas o intelectual.

Senge (1996) chama atenção para outra atitude fundamental em qualquer inovação: abertura para aprender, para alterar conceitos e idéias, para assumir novos comportamentos e atitudes, para repensar a cultura pessoal e organizacional, para mudar crenças, adquirir novos conhecimentos e aderir a novas formas de pensar e agir. A dimensão da inovação é, portanto, mais ampla que uma simples renovação, pois é uma mudança deliberada e conscientemente assumida.

Para os aspectos relativos à tecnologia educacional, inovar significa empregar as modernas tecnologias educacionais para tornar mais significativas as situações de aprendizagens, o que vai mais além do simples uso do instrumental trazido pelo avanço dos meios tecnológicos. Hoje já temos bastante estabelecido que a tecnologia educacional precisa, necessariamente, ser um instrumento mediador entre o estudante, a educação e o mundo, servindo de “mecanismo pelo qual o estudante se apropria de um saber, redescobrimo e reconstruindo o conhecimento” (Niskier, 1993, p 53).

Tendo como propósito atingir novas finalidades educativas ancoradas em um projeto pedagógico, a inovação pode abranger uma instituição, um curso, uma disciplina, ou se referir a um método de ensino, a uma técnica, a um material, à avaliação, aos meios educacionais. Assim, a alteração provocada pela inovação abrange aspectos curriculares no seu todo ou em suas partes como: um projeto pedagógico de curso, introdução de novas disciplinas, formas de interação entre disciplinas, estratégias de aula, métodos de aula, formas de abordagem do conteúdo, novas relações com o conhecimento, novas formas de avaliação, de orientação de alunos, de relação professor-aluno, relação aluno-aluno, relação com a comunidade etc.

Desta forma, as inovações podem ser criadas por um docente, um grupo de docentes, por uma equipe pedagógica, por uma instituição, por docentes e estudantes, por um pesquisador, e se dão estimuladas por diversos fatores: diferenciação na postura filosófica, sociológica, cultural, econômica e política da educação; novos enfoques teóricos e práticos;

mudanças nas técnicas e nas possibilidades tecnológicas; mudança na infra-estrutura institucional; autonomia docente.

Tendo essa fundamentação como base, tomamos, para efeito deste trabalho, a inovação curricular como a criação de respostas novas aos desafios oferecidos por um dado contexto educacional, a partir da análise e reflexão sobre a atual situação e verificando avaliativamente as efetivas contribuições que tais inovações oferecem para se enfrentar os desafios e produzir melhorias educacionais esperadas. Entendemos que no cenário formativo universitário entrecruzam-se diversas dimensões como agentes desafiadores das estabelecidas formas de conduzir o ensino que vão desde as alterações estruturais da cultura, da dinâmica da sociedade e do conhecimento, das políticas de educação, dos projetos pedagógicos até os novos recursos tecnológicos dispostos atualmente.

Passadas mais de uma década da promulgação da atual LDB, buscamos conhecer no contexto acadêmico da Unicamp quais eram as inovações e em que aspectos elas estavam acontecendo. Nossa intenção foi a de colaborar com a discussão a respeito da inovação nas atividades curriculares no ensino superior. Stenhouse (1981), um dos grandes autores da área do currículo, ao fazer um balanço do que grandes modificações na educação superior proporcionaram à Inglaterra, apontou que havia sido o fato de o ambiente acadêmico tomar o currículo como um problema válido de discussão, de pesquisa e de sistematização que havia proporcionado as condições para que alterações significativas fossem implementadas. Assim, é tomando a inovação curricular como um problema válido de discussão e reflexão que poderemos proporcionar as condições para que estas se sistematizem.

Inovações na Unicamp: Alguns dados

Ao considerar a importância de produções sobre inovações curriculares na educação superior, o I Seminário “Inovações em Atividades Curriculares: experiências na Unicamp” pretendeu mapear as atividades inovadoras no trabalho formativo do estudante universitário que se processavam nesta universidade. A idéia deste evento nasceu pela constatação de que muita ação inovadora em termos curriculares estava sendo realizada nos diferentes cursos da instituição, nas disciplinas e por iniciativa de vários professores, mas o conhecimento destas experiências ficava comumente disponível, quando muito, à própria unidade. Havia pouca ou nenhuma discussão sobre a implementação ou sobre os alcances destas atividades. Podemos dizer que os dados obtidos neste evento se configuram como um primeiro levantamento a respeito da atuação concreta das unidades e docentes sobre as experiências que estão desenvolvendo para a melhoria do ensino e da formação dos estudantes universitários.

Os dados mencionados neste texto decorrem da análise dos resumos das atividades apresentadas e foi realizada com o objetivo de reconhecer o âmbito de ações das experiências curriculares, o foco dado aos aspectos constitutivos do currículo e os indicadores de direções e/ou intencionalidades que tais atividades têm assumido no interior desta universidade. Nos 49 trabalhos analisados neste estudo, estiveram envolvidos

diretamente 130 professores, de 18 das 21 unidades de ensino que compõem a Unicamp e cerca de 30 cursos de Graduação, Pós-graduação, Especialização, Extensão ou Programa Especial de Formação. Sabemos que esses números não expressam a totalidade de trabalhos e iniciativas inovadoras em atividades curriculares desenvolvidas dentro desta instituição, mas entendemos que eles compõem uma representação significativa, na medida em que envolvem professores e estudantes de um grande número de unidades de ensino e de cursos.

A partir da análise de conteúdo empreendida nos textos dos resumos que compõem os Anais do Seminário⁴ identificamos os âmbitos de ação, os aspectos constitutivos do currículo e os indicadores da direção da inovação presentes no conjunto dos trabalhos.

Quanto ao âmbito, identificamos três conjuntos de ações das inovações curriculares: um âmbito referente a relatos cujas experiências de formação foram pensadas para a totalidade de cursos da instituição; outro âmbito ligado a um curso ou conjunto de cursos; e um terceiro âmbito relativo às propostas de ações cujos limites estavam circunscritos a uma disciplina, ou a um grupo de disciplinas.

Em relação aos aspectos constitutivos, foram identificados os seguintes: estruturação curricular; objetivos de formação; metodologias; avaliação; atuação do professor; papel dos estudantes; estrutura e mecanismo de gestão; relação entre universidade e comunidade. Em cada proposta encontramos variações direcionadas ou guiadas por um aspecto ou um conjunto destes aspectos.

Quanto aos indicadores da direção da inovação, a análise nos permitiu apontar algumas das características presentes no conjunto dos trabalhos que entendemos possam ser vistas como tendências das direções que as mudanças curriculares têm assumido. Apresentamos a seguir a análise qualitativa dos indicadores das direções das inovações identificados em cada um dos elementos constitutivos do currículo.

1. Estruturação Curricular – podemos apontar a presença de:

- novos modelos curriculares, entre eles o Modular Integrado;
- Programa Especial de Formação de Professores das séries iniciais do ensino fundamental em exercício nas escolas públicas com estruturação curricular diferenciada;
- organizações curriculares voltadas para uma maior integração entre cursos, bem como as que buscam garantir as especificidades dos campos profissionais;
- interação mais forte da graduação com a pós-graduação, a pesquisa e grupos de pesquisa;
- estruturações curriculares com forte presença de orientação multidisciplinar e interdisciplinar;
- flexibilização curricular através de Certificados de Estudo e maior atenção às atividades optativas;

- ampliação da natureza das atividades constitutivas da formação do estudante com a inclusão de atividades culturais não disciplinares e de vivências corporais e artísticas;
- introdução de estágios obrigatórios com a antecipação de seu oferecimento na grade curricular;
- alterações na exigência de pré-requisitos com diminuição da relação de dependência entre disciplinas;
- alterações no tempo de integralização de cursos seja na sua ampliação ou na sua diminuição.

2. Objetivos de Formação – foi possível observar propostas cujas mudanças envolvem:

- a ampliação dos objetivos de formação direcionados para uma formação mais geral e mais integral;
- forte presença de uma perspectiva mais cultural de formação dos estudantes;
- ênfase não só nas habilidades, como também nas atitudes e na ética;
- formação da identidade pessoal;
- melhora do inter-relacionamento pessoal e convivência colaborativa;
- questionamento de preconceitos;
- desenvolvimento da criatividade, flexibilidade, pensamento intuitivo, uso do pensamento divergente e de diferentes formas de expressão;
- formação de profissionais gerenciadores críticos da informação, visando uma postura que analise e projete seu trabalho voltado para a prevenção, reversão e minimização de problemas, em especial, os relacionados ao meio físico-natural e ao bem estar social;
- formação de profissionais instrumentalizados para tarefas como a comunicação e a apresentação em público.

3. Aspectos Metodológicos – estão presentes nos trabalhos:

- formas alternativas de trabalho pedagógico com metodologias mais ativas e problematizadoras;
- redução no número de aulas expositivas ou introdução de aulas expositivas de curta duração;
- diversificação de estratégias utilizadas;
- desenvolvimento de atividades que respondam às especificidades dos cursos;
- promoção de integração entre a prática e o quadro teórico;
- ênfase no trabalho coletivo, tanto na discussão de projetos, como nas estratégias apoiadas na resolução de problemas;
- ênfase nos trabalhos desenvolvidos em pequenos grupos, em especial nas atividades de supervisão;

- exploração das possibilidades de atividades e ações interdisciplinares e multidisciplinares.

4. Avaliação – as mudanças relatadas dizem respeito às alterações que envolvem:

- diversificação dos procedimentos de avaliação com a inclusão de auto e hetero-avaliação, individuais e grupais, oral e escrita;
- sistemas de avaliação com atividades individuais, freqüentes e de curta-duração;
- introdução de novas estratégias de monitoramento da aprendizagem pessoal e coletiva, entre elas: projetos, portfólios e Memorial de Formação;
- uso de procedimentos de avaliação em situações que simulam a realidade da prática profissional;
- uso de novas formas de expressão, como a teatralização de conteúdos teóricos.

5. Atuação do Professor – observamos nas propostas:

- deslocamento do papel do professor, de funções decisórias para as de observação, mediação e orientação do processo de aprendizagem; de executor de propostas, para o de pesquisador e analista das situações de sala de aula;
- fortalecimento de parcerias com outros profissionais externos à instituição, atuando como tutores ou supervisores, principalmente nos estágios.

6. Estudante e seu papel – encontramos propostas apoiadas em uma visão de estudante com:

- maior envolvimento e papel mais ativo no processo de aprendizagem;
- participação mais intensa no processo de planejamento de suas atividades e de seu currículo;
- co-responsabilidade no seu processo de formação;
- postura de colaborador do professor e do colega;
- autonomia na busca do conhecimento em espaços que não somente os presenciais;
- autonomia de aprendizagem integrando informações da experiência e da produção científica.

7. Estrutura e Mecanismo de Gestão – são destacados nas propostas:

- papel das diferentes Comissões enquanto locus ou fórum de discussão e de reformulação;
- ampliação da composição das Comissões com a participação de diferentes segmentos no nível inter-cursos, ou no supra-departamental;

- introdução de novas Comissões como condição para o atendimento de objetivos específicos, por exemplo a Comissão de Estágios.

8. Relação Universidade e Comunidade – entre os trabalhos, pudemos acompanhar projetos cuja finalidade voltava-se para a construção de novos caminhos de:

- interação entre a universidade, a comunidade e a escola pública;
- discussão do sentido de responsabilidade social da universidade;
- relação entre a universidade e a comunidade com atividades que implicam na inserção dos estudantes nesta e parceria mais evidente entre universidade e instituições externas.

Discussão

A presença de um número significativo de trabalhos oriundos da quase totalidade das unidades de ensino da instituição demonstra que ações de inovação efetivamente existem e estão sendo pensadas, organizadas e desenvolvidas.

Nossa análise, por se basear nos resumos dos trabalhos, não tem condições de estabelecer, como entende Masetto (2004), se as inovações foram empreendidas no âmbito de um conjunto de alterações, pois os resumos se referiam à atividade especificamente. No entanto, embora as inovações tenham sido apresentadas como elementos pontuais, a análise de suas intenções permite inferir tratar-se de alterações planejadas para modificar os resultados do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, apesar da análise dos conteúdos das propostas ter mostrado que cada uma delas nem sempre traz de forma explícita os elementos básicos constitutivos de uma inovação curricular, foi possível, no seu conjunto, identificar as principais direções a elas subjacentes, o que aponta e reforça a importância e as possibilidades de eventos que permitam análises desta natureza.

Como aspecto geral, podemos apontar que parte relevante das propostas relatadas foi planejada e desenvolvida intencionalmente para modificar uma dada situação. Esta forma de organizar atividades educacionais partindo de uma intenção deliberada de modificação se insere no conceito de inovação apresentado na literatura por Senge (1996).

O desenvolvimento de alternativas e experiências curriculares inovadoras como as desenvolvidas nos diferentes cursos desta universidade, e apresentadas no evento, podem ser entendidas como sendo, nas palavras de Pinar (2007, p. 25) “iniciativas acadêmicas ligadas às experiências vividas e ao saber acadêmico”. O desenvolvimento dessas inovações é o resultado da autonomia nos processos e práticas acadêmicas, nos processos de decisão e intervenção curricular, proporcionada pelo nível estrutural, isto é, pelas condições de trabalho, uma vez que todos os docentes trabalham em regime de tempo integral e têm autonomia para planejar, decidir e executar inovações. O protagonismo dos professores é o de concepção, de ação e prática, tomando as atividades como espaços

proporcionados pelo princípio de flexibilidade curricular.

Como definido por Pacheco (2000, p.7), “o currículo é, cumulativamente, uma intenção e uma realidade que ocorrem num contexto determinado, e que são o resultado de decisões tomadas em vários contextos”. Acompanhando esta definição e o entendimento do autor de que “desta perspectiva dinâmica e processual, o currículo, e todo processo do seu desenvolvimento, é uma intersecção de práticas com a finalidade de responder a situações concretas” (Pacheco, 2000, p.8), podemos circunscrever nesse quadro as determinações dos docentes para promover as inovações curriculares apresentadas no evento.

Estas experiências podem ser compreendidas dentro de uma aproximação à teoria fenomenológica de desenvolvimento curricular implicando um processo de deliberação prática, embora esta perspectiva não seja a única ou explique a totalidade da inserção das atividades inovadoras. É um desenvolvimento curricular processual local onde a diversificação de atividades é vista na estruturação, nos objetivos, nos conteúdos, nas metodologias, na avaliação em função da percepção particular e coletiva dos docentes sobre as necessidades educativas dos estudantes.

Santos (2002) discute que, de forma geral, as inovações no campo acadêmico enfrentam dificuldade de romper com o paradigma dominante. Não podemos afirmar que as inovações apresentadas no Seminário se colocam como forças de ruptura paradigmáticas, pois exigem dos professores reconfigurações de saberes e o reconhecimento da necessidade de transformar, como diz Santos (2002, p. 346), a “inquietação em energia emancipatória”. Para o autor, isto envolve o reconhecimento da diferença e implica gerir relações sociais com seus alunos. No entanto, a Unicamp, ao incentivar o diálogo entre os docentes (e entre docentes e discentes) que desenvolvem experiências curriculares inovadoras, se coloca como instituição promotora da condição de uma perspectiva de emancipação ao não se alinhar com as políticas culturais de modelo único e homogeneizante. A Universidade abre espaço para a continuidade de iniciativas curriculares inovadoras e, por isso, oportuniza condição de engendrar espaços emancipatórios.

As inovações apresentadas podem não ter rompido o paradigma epistemológico tradicional, mas certamente tendem a avançar num processo de mudança. A possibilidade de um avanço nesse sentido pode se encontrar na intencionalidade da instituição em desenvolver o “Seminário Experiências em Inovação Curricular” de dois em dois anos o que pode denotar que, no seu projeto político pedagógico, ela abre oportunidades de diálogos entre os docentes que desenvolvem inovações curriculares para, na vertente curricular prática, encontrar caminhos que levem a gerar um processo de educação crítica e emancipatória.

A apresentação das experiências, bem como a leitura e análise de seus resumos nos levam a entender que em nenhuma delas houve indícios de uma inovação regulatória ou técnica, segundo a definição de Veiga (2003, p. 269). Para a autora, a inovação regulatória ou técnica se orienta por “preocupações de padronização, de uniformidade, de controle burocrático, de planejamento centralizado”. Também não foi observado outras características da inovação regulatória apontadas pela autora como a preocupação em transformar a experiência curricular inovadora em normas, em prescrições, em

padronizações ou no seu uso apenas como aplicação técnica. De forma geral, há uma explicitação da intencionalidade de melhorar o ensino e a aprendizagem. No entanto, não temos elementos para afirmar que a introdução das experiências curriculares inovadoras estão articuladas integralmente com mudanças no todo do projeto pedagógico, como se esperaria para ser efetivada uma inovação emancipatória. Com a continuidade da existência do Seminário pode-se ter um caminho para que reflexões mais críticas possam ser desencadeadas e as experiências mais sistematizadas no todo do projeto pedagógico para que uma efetiva ação emancipatória e edificante seja consolidada (Veiga, 2003).

Tomando-se em consideração a definição de inovação emancipatória e edificante da autora e tomando os objetivos do Seminário é possível caracterizá-lo como uma inovação na dinâmica universitária que se realiza no contexto histórico e social da instituição e proporciona espaço para a comunicação e o diálogo entre os diferentes atores. Ele se destina a ser um momento propiciador de reflexão sobre as realidades internas da instituição, e um momento de comunicação e solidariedade entre os agentes pedagógicos comprometidos com a aplicação da experiência inovadora e de seus impactos na prática cotidiana. O Seminário por incentivar a singularidade e não a padronização, a autonomia curricular e não o individualismo, a busca de objetivos comuns e não homogeneizantes e a não cristalização do instituído, se torna um espaço propício à construção de um processo emancipatório. No entanto, ele não substitui a importância da contínua reflexão acerca do projeto político pedagógico, sendo somente um espaço de diálogos matizados pelas questões da construção de um processo emancipatório. Segundo Veiga (2003, p. 275),

Inovação e projeto político- pedagógico estão articulados, integrando o processo com o produto porque o resultado final não é só um processo consolidado de inovação metodológica no interior de um projeto político-pedagógico construído, desenvolvido e avaliado coletivamente, mas é um produto inovador que provocará também rupturas epistemológicas.

Nos trabalhos também ficou claro que as novas atividades curriculares só foram possíveis por uma abertura dos membros do corpo docente para aprender, para alterar conceitos e idéias, para assumir novos comportamentos e atitudes. Os proponentes das inovações demonstraram condição para repensar a cultura pessoal, para mudar crenças, adquirir novos conhecimentos e aderir a novas formas de pensar e agir, bem como a instituição demonstrou propiciar as condições para repensar a cultura organizacional. Nesse sentido, as atividades já empreendidas reforçam o entendimento de inovação como proposto por Saviani (1989) e Cardoso (2007).

Como o objetivo do evento foi o de reconhecer e socializar as diferentes ações de inovação em processo na instituição, não podemos falar de um processo de avaliação dessas atividades, pois este aspecto não estava presente nas intenções deste primeiro seminário. No entanto, entendemos que podemos falar da adequação e desejabilidade de iniciativas como esta, envolvendo a realização de um evento circunscrito às produções de uma instituição, pois acreditamos que toda inovação educacional, explícita ou implicitamente, se questiona

sobre a finalidade da ação educativa que desenvolve e do papel da educação na formação do estudante (Garcia, 1989).

Destacamos como de grande relevância as direções das mudanças, pois se inserem no entendimento pedagógico de proporcionar uma melhor formação ao estudante numa época de mudanças aceleradas, tanto na forma de conceber a produção de conhecimentos, como na atuação profissional. Algumas das direções das inovações curriculares se deram na questão dos objetivos de formação que estiveram voltados para um currículo de formação geral e integral, além de mencionarem uma forte formação cultural e a inclusão de atividades culturais. Isso demonstra que estas inovações estão na direção do movimento empreendido por um grande número de universidades européias, americanas, canadenses e australianas em favor de uma formação mais geral que técnica (Humphreys e Davenport, 2002).

Outro ponto que nos chamou atenção foi o das inovações curriculares em direção a uma ênfase em atitudes e valorização da ética, o que aponta para a importância que este aspecto tem assumido nas considerações do papel da universidade na formação de estudantes éticos, garantindo que venham a desempenhar ações profissionais regidas pelo valor ético.

Também ficou claro na análise a direção dada por algumas das inovações no sentido de favorecer a formação da identidade e a preocupação com o inter-relacionamento pessoal. Embora esta dimensão da formação seja apontada na literatura da área como de grande importância (Husen, 1994), poucas vezes ela faz parte das preocupações pedagógicas de professores e dos projetos pedagógicos dos cursos. A presença desse aspecto nas experiências apresentadas distingue positivamente a inovação curricular que está sendo implementada nesta instituição.

Outro aspecto que demonstra uma direção curricular inovadora é o enfoque dado para uma maior integração entre cursos e para uma orientação inter e multidisciplinar. Embora não tenhamos possibilidade de analisar as razões pelas quais esses aspectos foram os privilegiados, podemos inferir que há uma perspectiva de se superar formas fragmentadas de se organizar os currículos dos cursos.

Quanto à relação da teoria com a prática, aspecto tido como importante por estudiosos da área curricular (Goodson, 1995; Pinar et al., 1995), alguns trabalhos apresentaram o aspecto da articulação teoria-prática como enfoque da ação de inovação.

A questão da avaliação foi também um dos elementos curriculares tomado como enfoque da inovação, sendo a diversificação uma de suas características principais. Essa diversificação se dá no âmbito das estratégias, com a introdução de novos instrumentos de avaliação, no âmbito dos procedimentos adotados e na ampliação da visão de responsabilidade deste processo, com a inclusão do estudante e seu grupo. Merece ainda ser destacada a direção de inovação que trabalha com parcerias de professor com outros profissionais, com vídeos didáticos e softwares e com produção científica pelos alunos.

A diversidade de propostas, cuja tônica esteve muitas vezes determinada pela natureza do objeto de estudo dos cursos em que estavam alocados os professores, sugere o papel potencial do intercâmbio de experiências entre concepções e ações de docentes de

diferentes áreas do conhecimento ao se tratar de questões pedagógicas na formação do aluno de graduação.

Considerações Finais

Através desta primeira iniciativa pretendeu-se possibilitar que os diferentes cursos da universidade, e seu corpo docente e discente desencadeassem diálogos e discussões sobre novas formas de desenvolver as questões curriculares e mais, que os docentes se sentissem estimulados a realizar reflexões mais sistematizadas acerca da importância e das condições de desenvolvimento de propostas inovadoras. Acreditamos que a boa resposta que o evento teve de toda a universidade tenha sido fruto do esforço conjunto dos professores, Coordenadores de Curso e da Pró-Reitoria de Graduação na sua realização.

Acreditamos também que o evento favoreceu à própria universidade um auto-conhecimento sobre as inovações que estão se processando ou um aprofundamento desse conhecimento. Neste evento ocorreu, efetivamente, um diálogo e um conhecimento mais amplo das diversas atividades, bem como a possibilidade de trazê-las para uma reflexão mais sistematizada.

Podemos dizer que o conhecimento mais próximo dos objetivos, dos pressupostos, bem como das condições facilitadoras e dificultadoras da elaboração e implantação das propostas no conjunto de trabalhos apresentados, pode contribuir para um envolvimento cada vez maior do corpo docente, discente e administrativo nas questões curriculares. Além disso, pode permitir iniciativas do coletivo institucional, auxiliar nas reflexões e explicitação acerca das direções que se tem tomado ou que podem ser tomadas em relação às questões envolvendo o ensino nesta universidade, sinalizando caminhos viáveis para um contínuo processo de criação, implantação e avaliação de propostas curriculares inovadoras.

Sabemos que muito das resistências às inovações são motivadas pelo desconhecimento da possibilidade de ousar, por receio do desconhecido, pelo conforto de fazer sempre da mesma forma e pelo menor risco em se fazer o habitual tomado como seguro. Este evento buscou aclarar que propostas de inovação educacional exigem, como afirma Garcia (1989), que os educadores corram o risco inerente a toda inovação para que encontrem as formulações mais adequadas para a melhora da formação do estudante universitário. Segundo Garcia (1989), cabe aos proponentes da inovação responder a questões como: O que eu quero com esta atividade educacional? O que vou alcançar com esta nova proposição? Quais os benefícios para os estudantes, para a instituição, para a área da educação, para a sociedade? Nem todas as respostas puderam ser explicitadas neste estudo, pois o material de nossa análise (conteúdo dos Resumos das propostas) não nos permitiu, o que podemos apontar como uma das limitações deste estudo.

Certamente um aprofundamento no conhecimento das características de atividades de inovação curricular desenvolvidas nas universidades poderá elucidar quais finalidades estão sendo alcançadas, o que se constitui em uma meta significativa das universidades que abraçam o compromisso de uma formação universitária com qualidade.

Notas

- ¹ As autoras deste texto participaram da comissão organizadora do evento e apresentaram parte desta análise nas atividades iniciais da abertura do evento, visando assegurar aos participantes uma compreensão geral das experiências em discussão.
- ² Universidade Estadual de Campinas
- ³ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- ⁴ Ver www.fe.unicamp.br/inovacoes

Referências bibliográficas

- Brasil, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei N°. 9394/96.
- Cardoso, A.P. *Educação e Inovação*. http://www.ipv.pt/millennium/pce6_apc.htm acessado em novembro de 2007.
- Ferretti, C. J. (1989) A inovação na Perspectiva Pedagógica. In: GARCIA, W. E. *Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas*. São Paulo: Cortez Editora.
- Garcia, W. E. (1989) Legislação e Inovação Educacional a partir de 1930. In: GARCIA W. *Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas*. São Paulo: Cortez Editora.
- Goodson, I. F.(1995) *Currículo: teoria e história*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Humphreys, d.& Davenport, A. (2002) *Greater expectations: A new vision for learning as a nation goes to college*. Association of American Colleges and Universities. Washington, DC.
- Husen, T. (ED.) (1994) *The role of the university: a global perspective*. Unesco: Universidade das Nações Unidas.
- Masetto M. (2004) Inovação na Educação Superior. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*. V.8, nº.14, p. 197-202, set. 2003- fev.
- Messina, G. (2001) Mudança e inovação educacional: notas para reflexão. *Cadernos de Pesquisa*, n.114, p.225-233, nov.
- Niskier, A (1993) *Tecnologia Educacional: uma visão política*. Petrópolis, Vozes.
- Veiga, I. P. A. (2003) Inovações e Projeto Político-Pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 23, nº 1, p. 267-281, dezembro.
- Pacheco, J.A. (2000) *Políticas de Integração Curricular*. Porto: Editora Porto.
- Pinar, W. F.; REYNOLDS, W. M.; SLATTERY, P. E. TAUBMAN, P. M. (1995) *Understanding Curriculum*. New York: Peter Lang.
- Pinar, W. F (2007) Avanço Intelectual através da disciplinaridade e horizontalidade nos Estudos Culturais. In: PARASKEVA, J.M. (org) *Discursos Curriculares Contemporâneos*. Mangualde: Pedago Edições, Portugal.
- Santos, B S.(2002) *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez Editora.
- Saviani, D. A (1989) Filosofia da Educação e o problema da Inovação em Educação. In: GARCIA, W. E. *Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas*. São Paulo: Cortez Editora.

Senge, P. (1996) Conduzindo organizações voltadas para o aprendizado: o destemido, o poderoso e o invisível. In: HESSEMBEIN, F; GOLDSMITH, M.; BECKHARD, R. (orgs) *O líder do futuro*. São Paulo: Futura, p.121-5.

StenhouseE, L. (1981) *Investigación y desarrollo del curriculum*. Madri, Morata.

Correspondência

Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Professora Livre Docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação Superior – GEPES. Atual Coordenadora da Secretaria de Pesquisa da FE-Unicamp e Coordenadora Associada do Programa de Pós-Graduação da FE/Unicamp, Brasil.

E-mail: eaguiar@unicamp.br

Elizabeth Mercuri – Doutora em Educação pela Unicamp, Professora Colaboradora da Faculdade de Educação e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Psicologia e Educação Superior (PES) da FE/Unicamp/Brasil.

E-mail: emercuri@unicamp.br

Maria Helena Salgado Bagnato – Livre Docente pela Faculdade de Educação da Unicamp, Professora Adjunta da FE, Coordenadora do PRAESA (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Práticas de Educação e Saúde). Unicamp/Brasil.

E-mail: mbagnato@unicamp.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização das autoras.
